



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

EVA, MARIA OU PAGU? REPRESENTAÇÕES ACERCA DA EXPOSIÇÃO FEMININA, NA MÍDIA¹⁹⁶

Florisbete de Jesus Silva*
(UNESULBAHIA)

Maria José Remédios**
(UNESULBAHIA)

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir a representação social de adolescentes, acerca da exposição feminina, na mídia. O estudo tem como base a teoria das representações sociais, de Serge Moscovici, utilizada para a compreensão de como tais representações são ancoradas e objetivadas pelas novas gerações. No que diz respeito à metodologia, utilizamos a pesquisa qualitativa, tendo como instrumento a entrevista semi-estruturada, e como sujeitos, alunos e alunas do Ensino Médio e Técnico do Instituto Federal da Bahia, Campus Eunápolis¹⁹⁷. A pesquisa realizada demonstra a pertinência de se discutir as questões relacionadas a gênero no espaço escolar, uma vez que as representações acerca do feminino ainda são estereotipadas, marcadas pelo (pre) conceito e discriminação.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, Representações sociais, Geração atual.

¹⁹⁶ As reflexões contidas neste artigo fazem parte da Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, intitulada *O Julgamento de Eva: Estereótipos de gênero em discursos da contemporaneidade*, defendida na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa – Portugal, em outubro de 2009.

* Mestre em Ciências da Educação, pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Professora nas Faculdades Integradas do Extremo Sul da Bahia, UNESULBAHIA, Coordenadora de Projetos de Formação Docente na rede pública municipal da cidade de Porto Seguro, Bahia. E-mail: florsilvadejesus@gmail.com

** Investigadora da UID, Observatório de Políticas de Educação e de Contextos Educativos da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Lisboa, Portugal). mjoseremedios@sapo.pt

¹⁹⁷ Os sujeitos da pesquisa foram alunos e alunas do CEFET –BA (atual UNESULBAHIA, Unidade de Eunápolis-BA, onde desenvolvi atividades como professora substituta, nos anos de 2007 e 2008.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

INTRODUÇÃO

Segundo Araújo (2006), no Brasil Colônia a representação social de Eva era marcada por estereótipos, já que foi responsabilizada pela perda do Paraíso, por ter seduzido o homem e o estimulado a pecar. Por causa dela, a mulher foi considerada um animal imperfeito, e esse conceito surgiu da concepção de que sua formação originou-se de uma costela curva do homem, e tal curvatura é totalmente contrária à retidão masculina.

Para combater o poder de sedução feminino, herança de Eva, foi criado pela Igreja Católica o ideal da mulher, a qual deveria ser casta, pura e obediente, “a exemplo de Maria, mãe do Salvador”. Todavia, muitas mulheres negaram-se a aceitar essa condição, e esse comportamento deu início a não aceitação do preconceito e da exclusão, originando as primeiras manifestações em prol da liberdade e valorização da mulher, as quais ganharam força no século XX (DEL PRIORE, 2003).

Nesse cenário destaca-se a figura de Pagu, a qual, de acordo com Rago (2004), foi um dos maiores símbolos de resistência em prol da emancipação feminina. Numa época em que a mulher apenas iniciava sua luta pela liberdade, ela defendeu ideais feministas, exerceu a profissão de jornalista, almejada por muitas mulheres, além de participar dos manifestos comunistas dos anos 30.

Eva, Maria e Pagu são símbolos de referência na construção de representações acerca da mulher na história do nosso país, as quais ainda influenciam as atitudes de grupos sociais que ancoraram e objetivaram visões de épocas passadas, trazendo para a atualidade discursos diferenciados sobre a figura feminina, a qual ainda é rotulada por muitos como pecadora, santa ou revolucionária.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

De acordo com Moscovici (2007), somos influenciados por culturas que apresentam sinais do individual e do coletivo, e “as representações que elas elaboram carregam a marca desta tensão, conferindo-lhe um sentido e procurando mantê-la nos limites do suportável” (p. 12). Desse modo, sujeito e meio social se interagem no processo de (re) elaboração das representações sociais, incorporando idéias veiculadas tanto no senso comum como também em circunstâncias científicas religiosas e ideológicas.

O autor afirma que somos atingidos a todo instante por estas representações, através dos diversos tipos de linguagem. Elas influenciam nossas atitudes e nossa visão sobre o mundo e são as responsáveis pelo sentido que damos às coisas e aos fatos, pela forma como percebemos a realidade ao nosso redor. Elas permitem o desenvolvimento de conceitos homogêneos, ao mesmo tempo em que pressionam os sujeitos a se adequarem aos modelos pré-estabelecidos pelos grupos sociais (MOSCOVICI, 2003).

Na mesma obra, Moscovici declara que as representações são frutos dos discursos reiterados dos grupos sociais, os quais as impõem aos seus participantes, pressionando-os a repetir suas ações, pensamentos, visões de mundo. Assim diz o referido autor:

É, pois, fácil ver por que a representação que temos de algo não está diretamente relacionada à nossa maneira de pensar e, contrariamente, por que nossa maneira de pensar e o que pensamos depende de tais representações, isto é, no fato de que nós temos, ou não temos, dada representação. Eu quero dizer que elas são impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma seqüência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações (MOSCOVICI, 2003, p. 37).

Duveen (2003) afirma que as representações sociais estão presentes em nossa vida cotidiana, fazem parte das nossas relações com o mundo que nos

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

rodeia, influenciando nossas ações nesse mundo, nossas atitudes e postura frente à realidade. Assim declara:

[...] Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos (Ibid., p. 10).

Para o autor, as representações sociais dizem respeito aos “valores, idéias e práticas” de um grupo social. Através delas o sujeito pode definir identidades, classificando pessoas, objetos e fatos a partir da sua visão de mundo. E como esta visão sofre mudanças, pois o nosso olhar sobre os fatos muda de acordo com as exigências e transformações sociais, as representações também passam por modificações, provocadas pelas novas formas de comunicação que surgem no ambiente social.

Essas representações construídas pelos sujeitos são influenciadas também pelos meios de comunicação, os quais reiteram valores sociais e contribuem para a propagação de conceitos pejorativos. Um exemplo é a exposição negativa da imagem feminina, que contribui para que as gerações atuais tenham ideias estereotipadas a respeito da mulher.

As declarações dos/as colaboradores/as desta pesquisa demonstram esta influência. Ao serem questionados/as acerca da exploração que a imagem feminina vem sofrendo nos meios de comunicação, obtivemos as seguintes afirmações:

É importante dizer que as mulheres, infelizmente, não estão sabendo usar os seus direitos. Talvez extrapolando e aceitando que certas coisas que são ditas relacionadas a elas aconteçam. A questão da vulgaridade, das coisas obscenas, tá acontecendo muito disso. Não só nas músicas, mas nos outdoors, nas camisas e propagandas, nas camisas turísticas, em geral. A gente não pode

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

generalizar todas as mulheres, mas infelizmente isso acontece. Então, se nós, que somos mulheres, se nós não fizermos a nossa parte, o que vai acontecer com a nossa imagem? Apesar de nós termos alcançado um lugar na sociedade, muito grande, ainda temos aquela imagem de sensibilidade, de fragilidade. Então, isso tem acontecido totalmente o contrário, as mulheres têm perdido os valores. **(HANNA)**

Antigamente a mulher era presa pelos maridos. Elas tinham tipo um sonho determinado. Aí buscou sua liberdade. Hoje podemos dizer que apesar de existir alguns tipos de preconceito, as mulheres hoje são livres pra se expor da maneira que elas acham e entendem que devem. Só que elas não estão sabendo aproveitar essa liberdade. Então a mulher saiu da redoma de cristal que ela era vista tipo – “poxa, aquele esposa ali, que bom, parabéns por aquela mulher” – e virou simplesmente objeto. É o que temos hoje, por exemplo, na música. A gente vê que as letras das músicas hoje são totalmente ofensivas à figura feminina e vê que as mulheres não tão fazendo nada contra isso. Elas simplesmente estão dançando, como se fosse uma música qualquer. Então, está destruindo a imagem feminina. **(SOL)**

Como o homem já tá acostumado com a liberdade há mais tempo, ele já nasce sendo preparado para saber administrar essa liberdade. E como as mulheres estão conquistando isso agora, aos poucos, muitas delas, nem todas, é óbvio, não sabem administrar e acabam se expondo, o que é prejudicial pra elas, pois fica uma imagem feia da mulher. **(AUGUSTO)**

Na visão de Hanna, as mulheres não têm valorizado as conquistas adquiridas até agora, já que “não estão sabendo usar os seus direitos”. Podemos notar nesse discurso que, apesar da adolescente acreditar que as mudanças que vêm ocorrendo na vida das mulheres sejam importantes, crê que estas são culpadas pela exploração que vêm sofrendo, aqui destacando a exploração do corpo como objeto sexual. Para ela, a imagem da mulher tem se desvalorizado por causa da aceitação, por parte de algumas mulheres, da vulgarização que está relacionada a elas, nos diversos meios de comunicação. Nesse sentido, a mulher



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

torna-se responsável pela “violência simbólica” sofrida, e quem explora negativamente a sua imagem não é questionado.

De acordo com Bourdieu (1999, p. 7), a violência simbólica é “suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”.

É possível observar nas declarações de Hanna a influência das representações que o seu grupo social tem acerca das mulheres. Ainda prevalece em seu discurso a visão de que a mulher deve resgatar os valores instituídos pelo grupo social, os quais prescrevem como ela deve se comportar. Por outro lado, nota-se também um conflito em relação à representação que a adolescente tem a respeito do papel da mulher na sociedade, já que critica a situação de “fragilidade” na qual as mulheres se encontram e desafia a classe feminina a lutar pela defesa da própria imagem.

Para Duveen (2003, p. 16), “as representações sociais emergem a partir de pontos duradouros de conflito, dentro das estruturas representacionais da própria cultura”. E é justamente a herança cultural a responsável pelas contradições perceptíveis nas afirmações de Hanna, já que, segundo ela, na cultura judaica, da qual faz parte, a mulher deve seguir normas estabelecidas pelos homens, mesmo que elas não concordem com tais obrigações. Assim, a adolescente divide-se entre as identidades construídas a partir da sua vivência fora do contexto do seu grupo social e aquelas determinadas pelo meio em que vive.

Ao analisar as revelações de Sol e Augusto, percebemos que os mesmos também apresentam uma visão sexista em relação à mulher. Para Sol, a liberdade conquistada pelas mulheres é a responsável pela desvalorização da sua imagem, já que as mesmas deixaram de ser vistas como esposas perfeitas para serem tratadas como objeto. Esta situação, segundo Augusto, é consequência da falta de habilidade



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

feminina para administrar tal liberdade, função esta muito bem realizada pela classe masculina, a qual é preparada para isso desde o nascimento.

É importante ressaltar que esses sujeitos-colaboradores não são meros recebedores das representações sociais construídas pelo seu grupo, pois “pessoas e grupos, longe de serem receptores passivos, pensam por si mesmos, produzem e comunicam incessantemente suas próprias e específicas representações e soluções às questões que eles mesmos colocam” (MOSCOVICI, 2003, p. 45). O referido autor declara que através da comunicação os sujeitos dão significados à realidade, a qual não é criada, mas ressignificada, uma vez que já recebeu influência de gerações anteriores. Estas ações dos sujeitos têm um propósito, são intencionais. Ao se depararem com situações ou grupos que não corroboram com suas ideias e pensamentos, tendem a buscar explicações para tal situação, com o objetivo de transformar o que é estranho em algo conhecido, comum a todos, ou seja, tornar o “não-familiar” em “familiar”.

Esse processo de transformação do desconhecido em senso comum ocorre, segundo Moscovici (op.cit.), através dos mecanismos de ancoragem e objetivação. O primeiro transforma aquilo que não faz parte do “universo consensual” em algo familiar, através do processo de “reajustamento” da pessoa, fatos ou coisas ao modelo de sociedade criado pelos grupos sociais. Assim, através da ancoragem o desconhecido é caracterizado, nomeado, reconhecido. O segundo torna o incomum em algo comum, “inquestionável”. Com a objetivação, o que não é familiar para uma geração passa a fazer parte das representações da geração seguinte.

Retomando a nossa discussão sobre os discursos dos/as nossos/as colaboradores/as acerca da imagem feminina veiculada na mídia, vale ressaltar que o processo de ancoragem e objetivação é perceptível em suas declarações:

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A mulher perdeu o valor de mulher. É simplesmente um objeto de prazer. A mulher que se encaixa nesses padrões não serve pra mim **(SOL)**

Nos tempos passados nós éramos pessoas de valor. Éramos conquistadas. E agora que nós passamos a conquistar o nosso espaço na sociedade, que esse espaço seja olhado como o de pessoas certas, pessoas legais, bonitas para a sociedade, não só exterior como interior, não dessa maneira que é mostrada hoje em dia. **(HANNA)**

Para Hanna e Sol, a forma como a mulher vem sendo mostrada pela mídia é inadmissível, pois ambos têm uma imagem feminina idealizada, propagada pelas representações sociais dos grupos aos quais pertencem, destacando-se a família, primeira responsável pelos discursos reiterados. A visão que construíram acerca do feminino é marcada por uma concepção misógina, ancorada e objetivada a partir de critérios negativos, já que a mulher é vista apenas como “um objeto de prazer”, conforme Sol, não podendo conviver no espaço de “pessoas certas, legais, bonitas para a sociedade”, na visão de Hanna.

Em outro momento da entrevista, Sol e Leo mostram como foram influenciados por visões androcêntricas em relação à mulher, ao afirmarem:

[...] Eu quero curtir. E se quero curtir, quero aproveitar o máximo possível da situação. E como vou fazer isso? Com a menina mais avançadinha¹⁹⁸. Já pra casar, eu não quero uma mulher assim. Eu quero uma mulher que realmente eu possa falar: “poxa, aqui está uma mulher direita, aqui eu confio”. Porque eu não vou casar com uma mulher que já tem uma suposta fama, porque fica um pouco complicado pra confiar nela. **(SOL)**

Quando você quer curtir bastante e tá com a garota pra curtir, você quer fazer tudo que pode fazer. Porque a carne

¹⁹⁸ O termo avançadinha é utilizado para se referir às mulheres que permitem maiores intimidades no relacionamento.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

pede. Você vai querer aquelas avançadinhas. Agora já pra casar, o homem, por mais que ele seja torto, vai querer uma mulher de exemplo, uma mulher que ele vai assumir, mostrar pra todo mundo que ela é a mulher de sua vida. **(LEO)**

Já está objetivado por Sol e Leo que a mulher “avançada” não serve para ser esposa, uma vez que apresenta comportamentos inaceitáveis para o papel daquela responsável pela preservação dos valores e pelo bem estar da família. Daí a concepção de que a mulher ideal para o casamento é aquela “direita”, porque nesta se pode confiar. A valorização da pureza feminina pode ser notada na preocupação dos adolescentes em escolher uma mulher que não tenha “fama”, “uma mulher de exemplo”, ou seja, que leve uma vida mais recatada, que não tenha “uma história”. Aquelas que não atendem a estes requisitos são usadas como um objeto, tratadas como se fossem destituídas de sentimentos.

Em relação a esta visão machista, as meninas têm a dizer:

Eu acho ridículo, porque eles têm medo de que se ficar com uma menina mais avançada, ela traia ele. O problema todo está nesse contexto, porque se ela é avançada com ele, vai ser com outro homem. Então ele prefere uma mulher mais certa, pra não correr esse risco. **(JU)**

Eles dizem que as avançadinhas eles pegam a hora que querem, mas a namorada não, ela é quieta, é própria para casar. A avançadinha não vai querer obedecer, não vai querer fazer o que eles mandam. A certinha não, vai respeitá-los em tudo. **(FLÁVIA)**

Vai da mulher. Se a mulher já tem fama de assanhada e aceita, é porque ela tá gostando. Eu acho certo, isso. Quem é o homem que gosta de ficar com uma pessoa que já foi passada pelo colégio inteiro? É até meio horrível. A mulher tem que se dar valor, pra querer que o homem dê valor pra ela. **(LEIDE)**

Se ele pega uma menina mais avançadinha, ela que tá dando ousadia. Na opinião dele eu acho certo, se a menina dá ousadia,



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

pega. Se fosse eu também escolheria uma menina mais quieta, porque aquela mais avançada, se ficou comigo, então pode ficar com outro também. **(CARMEM)**

Mesmo com todas as conquistas dos movimentos feministas, Leide e Carmem veem a liberdade feminina como negativa, já que ambas concordam com a decisão dos meninos em se relacionarem com as meninas “mais avançadas” apenas para se divertirem. A mulher livre, que opta por relações momentâneas, não serve para o casamento, porque já “foi passada”, não é confiável. As declarações de Ju e Flávia também revelam a influência dessas representações, já que, mesmo criticando a postura dos homens, mantêm ainda os conceitos de certa e avançada.

Como se vê, os sujeitos retomam discursos já legitimados em seu meio social e os inserem em novas práticas discursivas, as quais são propagadas entre os grupos sociais. Desse modo, “as representações das mulheres vêm sendo diabolizadas ou santificadas, e estas expressões compõem a noção de uma natureza sexuada selvagem, rebelde, má, cuja domesticação resultaria na imagem da “boa”, da “verdadeira” mulher”. (SWAIN, 2001, p. 15-16)

Uma das representações do feminino, propagadas pelos meios de comunicação, diz respeito ao corpo. Para Cabeda (2004), as mulheres conquistaram mudanças importantes nos últimos tempos, todavia surgiu ao lado dessas mudanças uma nova forma de controle, imposto pela indústria da beleza, que incentiva a busca pela juventude e imagem perfeita. Como consequência disso, “as mulheres que recusam o embelezamento são categorizadas como negligentes, com pouco amor a si mesmas ou afetadas por problemas psicológicos” (op.cit., p. 158).

A respeito dessa idealização da beleza, é interessante analisar o depoimento de Sol:

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

[...] A beleza deve ser olhada pela parte interior primeiro. Quando você começa a visar o exterior, não dá tempo de criar um conceito da pessoa. Você já tem receio de encostar na pessoa, por conta do que a sociedade vai falar, te vendo lá com aquela pessoa. Eu não tenho problema nenhum em ficar com uma pessoa que a sociedade julga de feia. **(SOL)**

Apesar da afirmação de não ter problemas em ficar com uma pessoa julgada feia pela sociedade, Sol apresenta marcas da influência dos discursos referentes à beleza ideal feminina, ao se referir à beleza exterior e ao receio que muitos têm de serem vistos com uma mulher considerada feia. O adolescente deixa claro que uma mulher pode apresentar essas duas características, ou seja, ser bela interiormente, mas feia de acordo com o padrão determinado pelo meio social.

Segundo Rocha (2001), as mensagens produzidas pelos meios de comunicação são públicas. Assim, as identidades passam a fazer parte da coletividade, sendo marcadas pelos valores sociais que se desenvolvem na sociedade:

Nos materiais publicitários é importante entender que o mundo interno, as formas de expressão do sentimento, o privado e o íntimo, a individualidade, enfim, abandona, definitivamente, o plano interior dos atores sociais para ser representação coletiva que assume lugar de fato social, coisa - coercitiva, extensa e externa ao indivíduo. As identidades, tanto do homem quanto da mulher, se traduzem na mídia pelos seus aspectos relacionais, gramaticais, como códigos ou padrões onde a sociedade cruza idéias, estilos, práticas e nelas aloja os atores sociais. (ROCHA, 2001, p. 19).

Ademais o referido autor afirma que as mensagens veiculadas pela mídia representam a ideologia de grupos sociais cujos discursos são fortalecidos, inculcando nas pessoas visões pré-estabelecidas, muitas vezes marcadas pela discriminação.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Assim, o modo como a mídia retrata a imagem feminina é caracterizado por concepções estereotipadas de gênero, as quais muitas vezes são ratificadas por sujeitos que objetivaram representações propagadoras da submissão e violência simbólica em relação à mulher, repassando às novas gerações tais conceitos, contribuindo para que atitudes androcêntricas prevaleçam, ainda, na sociedade atual.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 45-77. 678 p.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1999. 158 p.
- CABEDA, Sonia T. Lisboa. A ilusão do corpo perfeito: o discurso médico na mídia. In: STREY, Marlene N; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise R (Org.). **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 149-172. 298 p.
- DEL PRIORE, Mary. **Mulheres no Brasil colonial**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- DUVEEN, Gerard. O poder das idéias. Introdução da obra de MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p. 7 – 28.
- MOSCOVICI, Serge. Prefácio da obra de GUARESCHI, Pedrinho A; JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). **Textos em representações sociais**. 9.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 7-16. 324 p.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 578-606. 678p
- ROCHA, Everardo. **A mulher, o corpo e o silêncio: a identidade feminina nos anúncios publicitários**. In: Revista ALCEU - v. 2 - n.3 - p. 15 – 39 – jul/dez. 2001.
- SWAIN, Tania Navarro. **Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas “femininas”**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 34, p.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

11 - 44 2001. Editora da UFPR. Disponível em:
<[http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewPDF
Interstitial/2657/2194](http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewPDF
Interstitial/2657/2194)>. Acesso em: 25. mar. 2008.